

BRASÍLIA, SEXTA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 2007

CASO RENAN ELE DEIXA PRESIDÊNCIA E MANTÉM MANDATO

Pressão pela saída

Márcio Falcão

O ritmo da corrida à sucessão presidencial no Senado tem se intensificado e, de quebra, dividido o presidente licenciado da Casa, Renan Calheiros (PMDB-AL). O senador alagoano sofre pressões de dois lados: de parte do PMDB e dos aliados do Palácio do Planalto. E uma coisa é certa: para se salvar do processo de cassação por quebra de decoro parlamentar e sustentar seu mandato, Renan terá de abrir mão do comando da Casa. Mas a questão que ainda não foi fechada é quando a saída será oficializada.

Dentro do PMDB, há um movimento – que estaria sendo articulado pelo senador Garibaldi Alves (RN) – para que Renan deixe a presidência o quanto antes. Nos corredores do Senado, têm colegas apostando até que o presidente licenciado entrega o comando da Casa na próxima semana. Isto, se for confirmado o primeiro turno de votação da CPMF em 6 de dezembro.

Nos bastidores, circula a notícia de que o Governo teria firmado um acordo para conquistar 17 dos 20 votos do PMDB na votação pela prorrogação da CPMF em troca da absolvição de Renan. A previsão é de que o processo no qual ele é

suspeito de ter usado "laranjas" para comprar um jornal e duas emissoras de rádio em Alagoas seja levado ao plenário quarta-feira. Tanto para opositores quanto para governistas, Renan será absolvido.

■ Depois da CPMF

Do lado do Palácio do Planalto, lideranças do PT no Senado trabalham para convencer Renan a só entregar a presidência depois do segundo turno da CPMF, previsto para o período de 18 a 19 de dezembro. Com a saída de cena definitiva de Renan, o presidente interino, Tião Viana (PT-AC), convocaria num prazo de cinco dias úteis

uma nova eleição. O período é considerado satisfatório, uma vez que o intervalo entre o primeiro e segundo turno seria de oito dias.

Os governistas acreditam que este tempo é suficiente para buscar um nome de consenso dentro do PMDB para suceder Renan. O indicado teria que ter um bom trânsito na oposição e uma relação de confiança com o Planalto. Neste jogo de convencimento, Renan ainda não sinaliza de qual lado vai ficar. Ele deve esperar o retorno do senador José Sarney (PMDB-AP) – seu padrinho político – dos Estados Unidos para bater o martelo.



■ O PRÓPRIO PMDB ACREDITA QUE ESTÁ NA HORA DE RENAN SAIR

WILSON DIAS/ABR